QUEM CUIDA DOS IDOSOS? NARRATIVAS DE CUIDADORES FORMAIS EM ILPI

Ana Maria Justo¹

Thiago dos Santos Peterle²

resumo

O Brasil passa por um processo de envelhecimento populacional e o cuidador tem sido um profissional importante no atendimento da população idosa. Esta pesquisa teve como objetivo conhecer o perfil do profissional cuidador de idosos em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), bem como compreender sentidos a ele atribuídos à sua entrada e manutenção na profissão. Realizou-se estudo de caráter exploratório e descritivo, cuja coleta de dados foi realizada por meio da técnica de entrevista narrativa com quinze cuidadoras de idosos. Utilizou-se estatística descritiva para os dados de caracterização e análise lexicográfica do tipo Classificação Hierárquica Descendente, com auxílio do *software Iramuteq*, para analisar o *corpus* textual. Os resultados apontam uma entrada na profissão não planejada, entretanto, evidencia-se que as cuidadoras de idosos se identificaram com a profissão e consideram continuar nessa carreira.

1 Graduada em Psicologia. Doutora em Psicologia. Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) vinculada ao Departamento de Psicologia. E-mail: justoanamaria@gmail.com.

2 Graduado em Psicologia. Pós-graduando em Neuropsicologia junto ao Instituto de Pós-Graduação – IPOG. E-mail: thiago_peterle@hotmail.com.

A partir das entrevistas, é possível considerar a profissão em três dimensões complementares: os cuidados básicos dirigidos aos idosos, que configuram a parte mais técnica do cuidado; as relações pessoais e a interação com idoso como formadores de vínculo; e os aspectos afetivos e emocionais construídos ao longo da vivência na profissão, que parecem ser motivadores da manutenção dos cuidadores no trabalho. Tais resultados apontam que, para além da formação, há necessidade de se desenvolver espaços para escuta e elaboração da prática cotidiana de trabalho, fortemente marcada por envolvimento afetivo e emocional.

palavras-chave

Cuidador de Idosos. Envelhecimento. Cuidado. ILPI. Idosos.

1 Introdução

O envelhecimento é um fenômeno multidimensional e complexo, que ocorre durante todo o curso da vida (DAWALIBI *et al.*, 2013; MARTINS; CAMARGO; BIASUS, 2009). Envelhecer tem repercussões em todas as áreas do ciclo vital humano, sendo influenciado por fatores biológicos, psicológicos, sociais e ambientais (DEL DUCA; SILVA; HALLAL, 2009; SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008) e demanda manejo de ganhos e perdas físicas, cognitivas e na relação com o meio social (MARTINS *et al.*, 2009).

A ampliação do tempo de vida é um fenômeno que ocorre em nível mundial e tem despertado atenção especial à população idosa (VERAS; OLIVEIRA, 2018). O Brasil vem experimentando nas últimas décadas o fenômeno do envelhecimento populacional. Isto se dá em virtude de fatores culturais, sociais, econômicos, científicos e de saúde que atuam conjuntamente. Dentre eles, podemos citar a diminuição da taxa de natalidade e o aumento da longevidade da população (BRITO *et al.*, 2017; SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Segundo o IBGE (2018), a parcela de pessoas com 65 anos ou mais que formavam a população brasileira no ano de 2010 era de 6,78%, com previsão de 13,44% para o ano de 2030. Esses dados demonstram que a população tem vivido mais, cabendo acrescentar, conforme Ploner *et al.* (2008), o papel importante dos avanços na área da saúde ao desenvolver tecnologias, formas de tratamento e prevenção de doenças que têm possibilitado um prolongamento da vida humana.

Um elemento que contribui para o aumento da longevidade é a estimulação de comportamentos que promovem um envelhecimento saudável, tal qual a manutenção de uma dieta apropriada (GARCÍA; REYES; TABARES, 2017) e a prática de exercícios adequados à velhice (SÁ; CURY; RIBEIRO, 2016). Cabe salientar, porém, que tais incentivos não se fazem acessíveis a toda a população, alcançando uma parcela economicamente privilegiada, que tem maior acesso a serviços e profissionais da saúde.

Diante do cenário de envelhecimento populacional, a proposta de envelhecimento ativo coloca-se na direção de garantir o bem-estar físico, social e psicológico na velhice, a partir da participação social da população idosa em atividades diversificadas (OMS, 2005; CIL, 2015). O envelhecimento ativo não se limita a uma proposta de saúde física, mas toma como importantes aspectos psicológicos e vínculos sociais. Logo, aqueles que apresentam algum grau de dependência também são incluídos nessa proposta, mantendo-se ativos em sua família, nas relações sociais na comunidade e protagonizando as escolhas de sua própria vida.

Além do aumento da longevidade, destaca-se a diminuição do número de nascimentos no país. Leone *et al.* (2010) ressaltam que os casais têm retardado a chegada do primeiro filho e espaçado os nascimentos dos filhos. Segundo o IBGE (2018), a taxa bruta de natalidade – número de nascidos vivos ao ano, por mil habitantes (VASCONCELOS; GOMES, 2012) – vem diminuindo no decorrer dos anos. Em 2000, essa foi de 20,86 enquanto a previsão para 2030 é de 10,92. Agindo simultaneamente, há uma estabilização do número de mortes da população. De acordo com o IBGE (2018), a taxa de mortalidade bruta no país, número total de óbitos por mil habitantes (VASCONCELOS; GOMES, 2012), em 2000, foi de 6,67 e a previsão para 2030 (7,31) será regular, sem grandes variações.

Diante disso, configura-se uma estrutura familiar com menos filhos e maior proporção de idosos, o que acaba afetando também o cuidado na velhice. Sabe-se que as pessoas estão vivendo por mais tempo de forma ativa (OMS, 2005; CIL, 2015). Porém, o envelhecimento envolve transformações no organismo, em que estão incluídas redução nas capacidades morfológicas, funcionais, psicológicas e bioquímicas, diminuindo a capacidade do indivíduo de se adaptar às condições do ambiente, o que aumenta a probabilidade do idoso necessitar de cuidados (GIL *et al.*, 2018).

Estudo realizado por Uesugui, Fagundes e Pinho (2011, p. 690) revela que “[...] no Brasil, aproximadamente, 40% das pessoas com 65 anos ou mais dependem de algum tipo de ajuda para realização de, pelo menos, uma tarefa [...]”, o que indica a necessidade de cuidados específicos ao idoso. Historicamente,

o papel de cuidar do idoso esteve prioritariamente ligado à figura da mulher (DEBERT; OLIVEIRA, 2015), como se essa fosse uma vocação feminina. Porém, as mulheres têm ocupado cada vez mais espaço no mercado de trabalho (LEONE; MAIA; BALTAR, 2010), o que diminui sua disponibilidade para cuidar dos familiares idosos, ainda que, mesmo nesse contexto, recaia invariavelmente sobre elas a responsabilidade de cuidar do idoso.

Dessa forma, levanta-se a seguinte questão: quem cuidará dos idosos no momento em que a demanda pelo cuidado tende a aumentar, ao passo que as famílias tornam-se progressivamente menos numerosas e disponíveis para o cuidado? Sabe-se que a preservação dos vínculos familiares é essencial para a qualidade de vida daqueles que envelhecem. Todavia, o cuidado vem sendo compartilhado com profissionais específicos e, cada vez mais, a figura do cuidador de idosos mostra-se em evidência, principalmente quando se trata de idosos que apresentam dependência física e têm dificuldades na execução das Atividades Básicas e/ou Instrumentais da Vida Diária. Neste contexto, os cuidadores podem ser fundamentais na efetivação do bem-estar na velhice (PINTO *et al.*, 2016).

Descrevem-se na literatura dois tipos de cuidadores de idosos: 1) aqueles que apresentam algum vínculo afetivo com o idoso (seja familiar, amigo ou vizinho) e passam a exercer o cuidado deste, denominados “cuidadores informais”; 2) quando o cuidado é efetuado pelo Estado ou pelo mercado a partir de “cuidadores formais” (DEBERT; OLIVEIRA, 2015). Cabe ressaltar que o cuidador informal ocupa majoritariamente esta função, principalmente nos domicílios, mesmo que não apresentem uma formação ou preparação para desempenhar essas atividades (DEBERT; OLIVEIRA, 2015).

Diante da pouca disponibilidade de recursos financeiros e de tempo, uma opção das famílias é recorrer às instituições que prestam serviços de cuidado e atenção ao idoso como forma de acolhimento às demandas do processo de envelhecimento: as Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs (CAMARANO; KANSO, 2010). As ILPIs caracterizam-se como residências coletivas para pessoas acima de sessenta anos, dependentes ou independentes, que não possuem condições de viver junto com seus familiares (OLIVEIRA; ROZENDO, 2014). Salienta-se o caráter residencial e a busca pela semelhança à dinâmica de um lar de forma que os idosos sintam-se pertencentes àquele lugar (SAMPALIO *et al.*, 2011).

Nas ILPIs, os cuidadores formais são profissionais centrais, de modo que se revela a pertinência de conhecer quais conhecimentos eles carregam consigo em sua prática profissional. Diniz *et al.* (2018) destacam o papel do cuidador nos cuidados básicos com os idosos, como banho, alimentação e

higiene. Jesus, Orlandi e Zazzetta (2018, p. 200) afirmam que o cuidador de idosos “[...] é a pessoa que assume a responsabilidade de cuidar, oferecer suporte e auxílio à pessoa necessitada”.

Apesar do cuidador formal prestar serviços remunerados e haver cursos particulares de curta duração para formação de cuidadores de idosos, ainda não há diretrizes estabelecidas que direcionem a formação desses profissionais no Brasil (DEBERT; OLIVEIRA, 2015). A ausência de diretrizes curriculares ganha maior ênfase na medida em que se compreende o envelhecimento como fenômeno multidimensional, com repercussões nos âmbitos físico, psicológico e social (PAPALÉO NETTO, 2013). Logo, questiona-se como prestar um cuidado de qualidade sem compreender como o envelhecimento afeta o idoso?

Historicamente, a velhice traz consigo estereótipos negativos que podem influenciar no trabalho que o profissional realiza junto ao idoso. Como revelam Martins, Camargo e Biasus (2009), pessoas de outras faixas etárias representaram a velhice com características negativas, principalmente relacionada a perdas afetivas e sociais, além do receio de se perceber inútil. Existe uma forte associação entre essa fase da vida e a morte, a doença, o afastamento e a dependência (TEIXEIRA; SOUZA; MAIA, 2018). Tais crenças fazem-se presentes no encontro entre cuidador e idoso e podem interferir nas ações de cuidado.

O envelhecimento populacional é uma realidade que se apresenta como demanda crescente aos serviços de saúde e assistência social. Logo, os debates acerca da profissionalização e formação do cuidador de idosos também se apresentam com mais força nos dias atuais (DEBERT; OLIVEIRA, 2015). Como salientam Sampaio *et al.* (2011), não existem, ainda, pré-requisitos que regulamentem de forma precisa a formação do cuidador e a maioria desses profissionais não receberam preparação anterior para exercer a função. Além disso, ressalta-se que o cuidador tem jornadas intensas de trabalho, estando exposto a desgastes físicos e psicológicos e podendo sofrer inclusive com sobrecarga de trabalho. Estudos apontam uma carência na formação dos cuidadores de idosos, ficando a carga da experiência prática no trabalho a principal fonte de formação profissional (GARBIN *et al.*, 2010; RIBEIRO *et al.*, 2009; SAMPAIO *et al.*, 2011). Dessa forma, conhecer melhor as questões que aparecem em relação à entrada e manutenção do cuidador no seu trabalho pode estimular o desenvolvimento de propostas de qualificação e suporte a esses profissionais, de modo a otimizar o cuidado e acolhimento à população idosa. Portanto, mostra-se relevante conhecer a história dos cuidadores formais na profissão e sua implicação nessa atividade profissional. Conhecer quem são os cuidadores que têm prestado serviços à população idosa, apresenta-se como forma de construir uma base para propostas futuras de qualificação do cuidado na velhice.

2 Objetivos

Essa pesquisa teve como objetivo conhecer o perfil do profissional cuidador de idosos em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), bem como compreender sentidos a ele atribuídos à sua entrada e manutenção na profissão.

3 Metodologia

O estudo teve caráter exploratório e descritivo, com o intuito de analisar informações referentes ao perfil dos cuidadores de idosos que trabalham em instituições de atendimento à população idosa de uma região metropolitana no sudeste do Brasil. Em um primeiro momento, houve contato com as instituições para apresentação do projeto de pesquisa e verificação da viabilidade da adesão da ILPI ao presente estudo. Diante da concordância da instituição em participar da pesquisa, foi realizado contato com os cuidadores de idosos e realizou-se o agendamento das entrevistas. As entrevistas ocorriam na instituição, em uma sala reservada e fora do horário de trabalho dos cuidadores. Utilizou-se a técnica de entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003). O guia de entrevista buscou levantar os seguintes tópicos: 1) dados socioeconômicos; 2) histórico profissional; 3) escolaridade e formação profissional; 4) conhecimento sobre envelhecimento; 5) experiências de vida que envolvem alguma relação com a velhice; e, por fim, 6) motivações e desejos presentes na escolha e manutenção da profissão de cuidador de idosos. Após a aquisição do consentimento dos participantes, foram realizadas as entrevistas, as quais foram gravadas para posterior transcrição e análise.

A transcrição das entrevistas foi organizada em diferentes eixos temáticos: 1) Histórico profissional; 2) O que é ser cuidador de idosos; 3) Relação com idosos; e 4) O que pensa sobre o envelhecimento. O material foi organizado em documentos textuais e reunido em um único arquivo de texto no *corpus* “Cuidadores de idosos”. Para a análise dos dados, foi utilizado o *software* IRAMUTEQ – *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Com o auxílio do software, o *corpus* “Cuidadores de idosos” foi submetido à análise lexicográfica do tipo Classificação Hierárquica Descendente (CHD), método que reagrupa os segmentos de texto em classes diante da identificação de similaridade entre si por meio de testes qui-quadrado. A análise

busca encontrar seguimentos de textos semelhantes entre si e diferentes de outras classes, com base em seu vocabulário (CAMARGO; JUSTO, 2018). Por sua vez, os dados de caracterização foram submetidos à análise estatística descritiva.

3.1 Aspectos éticos

O projeto de pesquisa fora submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da instituição a que os pesquisadores estavam vinculados, tendo obtido o parecer favorável número 2.787.613. Todos os procedimentos éticos seguiram as orientações da Resolução CNS 510/16.

4 Resultados e Discussão

Participaram deste estudo quinze cuidadores de idosos formais, sendo que todos os participantes são do sexo feminino, proporção que corrobora com outras pesquisas que estudam esses profissionais (DINIZ *et al.*, 2018; RIBEIRO *et al.*, 2008; SAMPAIO *et al.*, 2011; SILVA; FALCÃO, 2014). Verificou-se que a média de idade dessas profissionais foi de 39,6 anos com DP= 10,36, sendo que a menor idade foi de dezenove anos e a maior de 59 anos. Esses dados etários são semelhantes ao encontrado por Diniz *et al.* (2018). Com relação ao estado civil, sete cuidadoras declararam-se solteiras; três, casadas; três disseram estar em união estável e duas serem viúvas. Acerca da escolaridade, é possível destacar uma divisão equivalente, com cinco cuidadoras tendo estudado até o ensino fundamental, cinco até o ensino médio e cinco até o ensino técnico. Dentre aquelas que realizaram o curso técnico, quatro são na área de enfermagem.

A respeito da natureza da instituição, seis cuidadoras trabalhavam em instituições privadas e nove, em públicas. No que concerne ao tempo de profissão de cuidador de idosos, a média é de 7,06 anos com DP= 5,66, sendo a cuidadora que trabalha há menos tempo com um (1) ano de serviço e a que apresenta maior tempo na profissão com 20 (vinte) anos de experiência.

Quando perguntadas a respeito da realização de um treinamento ou curso para ser cuidadora de idosos, doze afirmaram terem realizado alguma preparação específica. Dentre essas, oito relataram terem feito após entrar na profissão, três realizaram antes de serem cuidadoras de idosos e uma não especificou. Tal preparação após a entrada na profissão é uma característica

ressaltada por Sampaio *et al.* (2011) em seu estudo acerca dos cuidadores de idosos formais. Cabe destacar que todas que realizaram um curso antes de trabalhar nessa profissão são de instituições privadas. Já entre aquelas que realizaram uma preparação depois, sete são de ILPIs públicas.

As participantes foram indagadas sobre o que pensam sobre seu futuro profissional e, nesse sentido, cinco cuidadoras apontaram que pretendem continuar na profissão, seis evidenciaram desejo de seguir na área da saúde, três planejam a aposentadoria e uma não especificou planos sobre seu futuro profissional. Um ponto interessante é que, dentre aquelas que pretendem seguir a profissão de cuidadora de idosos, quatro são de instituições públicas. Acerca de planos de estudo, seis profissionais afirmaram a pretensão de realizar um curso técnico de enfermagem, três almejam fazer a graduação e seis não especificaram metas de estudo. Ressalta-se que, das participantes que desejam fazer o curso técnico de enfermagem, quatro estudaram até o ensino médio, enquanto todas que almejam um curso de graduação já possuem o curso técnico de enfermagem. Duas cuidadoras pretendem seguir a graduação em enfermagem e uma em serviço social.

O *corpus* “Cuidador de Idosos” submetido à análise lexicográfica teve 53.521 ocorrências de 4.257 formas distintas. Na CHD, os quinze textos iniciais desdobraram-se em 1.505 segmentos de textos (ST) em vias de possibilitar a exploração do seu conteúdo, sendo que 691 ST (91,30%) foram retidos na análise. A CHD particionou o *corpus* em seis classes. A partição inicial dividiu o *corpus* em dois grandes *subcorpora*; o primeiro, “*Trajetória anterior a profissão*”, separou a classe 6 – “*Trajetória profissional*” do restante do material, pois apresenta conteúdo específico acerca do percurso do cuidador antes de entrar na profissão. A segunda partição separou o *subcorpora* maior “*Vivência na profissão*” em mais dois *subcorpora*, com as classes 1 – “*Conversa e interação*” e 4 – “*Cuidados básicos*” se separando do restante do conteúdo, uma vez que apresentam em comum a descrição da rotina da profissão, habilidades e ações necessárias para efetivação do cuidado com os idosos. Logo depois, a classe 5 – “*Envelhecimento*” foi separada das classes mais próximas: 2 – “*Envolvimento afetivo-emocional*” e 3 – “*Falta da Família*”, na medida em que 5 – “*Envelhecimento*” está associado ao pensamento do cuidador acerca do envelhecimento, já 2 – “*Envolvimento afetivo-emocional*” e 3 – “*Falta da Família*” abarcam aspectos psicológicos, porém com foco na relação cuidador-idoso, trazendo a complexidade de experienciar a velhice institucionalizada. A descrição das principais palavras que compõem as classes seguidas do valor de qui-quadrado e número de ocorrência está indicada na Figura 1.

Figura 1 – Dendrograma Corpus “Cuidador de Idosos”.

Fonte: Elaborada pelos autores

A classe 6 – “Trajetória profissional” foi a primeira a se diferenciar, apresentando-se associada ao tema “Histórico profissional” a participantes com ensino fundamental completo, com quarenta anos ou mais, que apresentam união estável. Compôs 19,72% dos segmentos de textos e teve por característica contar os caminhos e as circunstâncias que levaram as participantes a trabalhar como cuidadoras de idosos, como ilustram os trechos a seguir:

[...] depois eu trabalhei em uma casa de família e tive minha carteira assinada eu comecei a fazer um curso técnico, mas parei e apareceu a oportunidade de trabalhar em uma casa de repouso, trabalhei por anos lá. (Participante 6, 22 anos, ensino médio incompleto, ILPI pública, 1 ano de profissão)

[...] eu trabalhei como agente de saúde por quatro anos e lá na cidade onde eu fui criada todos os agentes de saúde tinham que fazer o curso de auxiliar de enfermagem, porque a gente trabalhava em uma área onde haviam muitas pessoas idosas (Participante 15, 58 anos, ensino médio completo, ILPI pública, 12 anos de profissão)

Nas descrições apresentadas, o primeiro contato com a profissão se deu de forma não planejada, mas como oportunidade de entrada no mercado de trabalho, principalmente a partir de pessoas conhecidas que já tinham alguma inserção na área, podendo ser cuidadora, técnica de enfermagem ou mesmo dona da instituição, corroborando com resultados encontrados na literatura científica (RIBEIRO *et al.*, 2009; SAMPAIO *et al.*, 2011). Cabe ressaltar que, apesar da entrada na profissão tenha se dado na forma de oportunidade de

momento, as participantes indicam alguma experiência anterior de cuidados informais com família ou conhecidos que lhe deram ferramentas e habilidades para trabalhar nessa nova área.

Por último, os relatos evidenciaram uma trajetória anterior no mercado de trabalho em que as participantes tinham, de forma majoritária, empregos em outras áreas de atuação. Porém, os relatos revelaram que, com o tempo de serviço como cuidadoras, foi possível se identificarem com o trabalho e consideraram a continuidade na carreira como algo desejável. Algumas palavras que apareceram com grande associação à classe foram “trabalho”, “emprego” e “oportunidade”.

A classe 4 – “Cuidados básicos” é composta de 14,77% dos segmentos de texto e teve como base a descrição pragmática das atividades diárias realizadas pelo cuidador. Associou-se às participantes que declararam estar em uma união estável, em união à baixa escolaridade (ensino fundamental ou médio incompleto) e ter quarenta anos ou mais. Associou-se ainda com trabalhadoras de instituições públicas. Houve muitas verbalizações citando que o cuidador de idosos dá banho, dá comida, troca fralda, entre outros, no cuidado daqueles idosos com grau de autonomia diminuída devido à alguma doença ou incapacidade. Tal descrição vai ao encontro de resultados encontrados em pesquisas que estudam o cuidador de idosos nas ILPIs (SAMPAIO *et al.*, 2011; SILVA; FALCÃO, 2014; DINIZ *et al.*, 2018), atividade que nem sempre é valorizada socialmente, como se pode perceber na fala de cuidadoras:

[...] quando a gente fala que é cuidador alguns perguntam meio assustados se a gente dá banho, troca fralda, é meio que como se eles não tivessem coragem de fazer as coisas que a gente faz [...] geralmente é isso que falam. (participante 9, 38 anos, ensino fundamental incompleto, ILPI pública, 6 anos de profissão).

Além disso, relatam que as atividades de cuidado básico demandam certa compreensão, principalmente acerca do tempo e desejo dos idosos em realizar tais atividades, como evidenciado em: “Cuidar de idoso não é só dar comida, dar banho. Tudo o que você tem que falar tem que ser com amor, com carinho. Tem que ser diferente, porque nem todos aceitam seu cuidado facilmente, tem uns que nem deixam você tocar neles direito” (participante 14, 19 anos, ensino médio completo, ILPI pública, 1 ano de profissão).

Nesse sentido, apontam as entrevistadas que cuidar implica entender o tempo do idoso, ou seja, ter paciência para realizar as atividades caso eles não queiram fazer, ainda que tenham programação e horários que tenham que cumprir na instituição. Diante disso, as cuidadoras afirmam que a experiência e o tempo no serviço possibilitam o desenvolvimento de estratégias para lidar

com esse impasse, citando a conversa e a utilização de algo que o idoso gosta na direção de transformar os cuidados básicos obrigatórios em um momento de parceria. Outro ponto importante é que os cuidados básicos estão inseridos em um contexto de relação entre cuidador e idoso, demandando, além da técnica, o entendimento de suas vontades e expressão de afetos e carinho (SILVA; FALCÃO, 2014). Algumas palavras que apareceram com bastante frequência nessa classe foram: “banho”, “dar”, “trocar”, “fralda”, “remédio”, “horário”, “comer”, indicando que, nessa classe, a centralidade esteve nos cuidados básicos.

Por sua vez, a classe 1 – “Conversa e interação” foi associada ao tema “Relação com os idosos” e às participantes que se declararam solteiras. Foi composta de 12,88% dos segmentos de texto e centrou-se na descrição da relação entre cuidador e idoso como componente prazeroso e inerente ao trabalho de cuidador, como se verifica no excerto: “Eu gosto muito de conversar com eles, gosto das experiências boas que a gente recebe, a gente ri junto, às vezes eles falam sobre a família deles, contam o que está acontecendo” (Participante 3, 42 anos, ensino fundamental completo, ILPI privada, 3 anos de profissão).

Os conteúdos revelaram que a conversa e os momentos de troca de forma recíproca têm funções importantes no cotidiano da profissão, reforçando achados de pesquisas anteriores (BATISTA; ALMEIDA; LANCMAN, 2014; SILVA; FALCÃO, 2014). A primeira é a possibilidade de estabelecer uma relação de confiança e respeito, na medida em que o diálogo possibilita que o idoso compartilhe de sua vida, vivências, desejos e demandas e fortaleça o vínculo na instituição. As cuidadoras afirmam que os idosos vivem condições emocionais diversas e que demandam do profissional suporte e escuta constantes.

Apontam ainda que tal relação de proximidade aumenta seu conhecimento em relação ao idoso, promovendo reconhecimento de estados emocionais a partir da observação de suas mudanças de hábitos no cotidiano: “[...] saber quando tem que procurar um médico dá pra perceber quando eles estão bem e quando está acontecendo alguma coisa. Então primeiro a gente dá uma olhada neles, a gente chega perto e conversa” (Participante 10, 47 anos, ensino fundamental incompleto, ILPI pública, 14 anos de profissão). Como consequência, esse vínculo permite maior acesso e maior facilidade em realizar atividades que implicam invadir, ainda que momentaneamente, o espaço de intimidade do idoso, como banho, troca de roupa e higiene.

As cuidadoras revelam que a conversa se apresenta em todos os momentos do trabalho, desde a negociação para realização de cuidados básicos como banho, alimentação, higiene, até momentos em que há tempo livre e esse tempo pode ser utilizado para aproximação e conhecimento da história da vida do idoso e promoção de lazer e diversão. As palavras “conversar”, “interagir”,

“conversa” e “aberto” tiveram alta frequência nessa classe, indicando que a fala e a abertura ao outro são elementos relevantes na vivência da profissão (BATISTA *et al.*, 2014).

A classe 5 – “Envelhecimento” foi composta de 18,05% dos seguimentos de texto e associou-se ao tema “O que pensa sobre o envelhecimento”, trazendo elementos que consideram a velhice primeiramente como parte da vida, ou seja, que é uma fase da vida esperada por todas as pessoas. Revelaram certa ambiguidade ao considerar uma dádiva, conquista e experiência e, ao mesmo tempo, ressaltarem de forma contundente suas dificuldades: “É *tenso*, mas não adianta ficar pensando muito não é uma fase da vida você nasce cresce envelhece. Envelhecimento é uma coisa natural, todo mundo envelhece, às vezes eu fico olhando pra eles e fico pensando se eu vou chegar até a idade deles” (Participante 2, 37 anos, ensino médio completo, ILPI privada, 3 anos de profissão). Verbalizaram que é preciso aceitar a velhice diante de sua inevitabilidade e revelaram uma preocupação acerca de sua vivência de forma saudável. Essa preocupação pode ser ilustrada pelas imagens que as cuidadoras evidenciaram acerca da velhice, tendo-a como fase de dependência e mais susceptível a doenças e revelando que esperam viver uma velhice sem doenças. Resultados semelhantes foram encontrados em artigos acerca do tema (SAMPAIO *et al.*, 2011; SILVA; FALCÃO, 2014).

Pensando em uma boa velhice, as cuidadoras apontam a importância da família para que isso ocorra, principalmente com a manutenção do contato intergeracional, esperam ver e conviver com filhos e netos quando forem idosas. Refletem ainda sobre quem irá cuidar delas no futuro, uma vez que as pessoas estão tendo menos filhos e acreditam que estes têm usado seu tempo para projetos e planos pessoais, não tendo o cuidado dos pais como prioridade. Portanto, as cuidadoras evidenciaram uma expectativa de serem cuidadas por seus filhos, ao mesmo tempo em que apresentam questionamentos se isso ocorrerá. “Hoje eu acho que envelhecer se tornou uma preocupação muito grande, eu acredito que os filhos não estão mais querendo cuidar dos pais depois que ficam mais velhos e eu vejo isso no trabalho” (Participante 11, 48 anos, ensino técnico em enfermagem, ILPI pública, 15 anos de profissão). Consideram o não cuidado dos filhos como algo triste e negativo. Entendem a situação de idoso institucionalizado como alternativa de cuidado, apontando que sua inserção na ILPI deve-se à impossibilidade de ser cuidado na família, seja por motivos específicos que impedem o cuidado, ou o próprio desejo de não querer cuidar.

A classe 3 – “Falta da Família” associou-se aos temas “Relação com os idosos” e “O que é ser cuidador de idosos?”, bem como às cuidadoras que

declararam ter ensino médio e quarenta anos ou menos. Essa classe foi composta de 17,54% dos segmentos de texto e concentrou as verbalizações sobre como o idoso se sente como institucionalizado. Nesse sentido, foi vista com bastante frequência na fala das cuidadoras a percepção de que os idosos da instituição vivem distantes da família e sentem muita saudade dela.

As entrevistadas consideram também que os idosos sentem-se abandonados e desamparados por seus entes queridos, falta que não pode ser suprida pela equipe da ILPI: *“É um cuidado que ameniza essa falta da família, porque não é possível suprir a falta da família. Todos eles sentem saudades da família, de alguma pessoa da casa, mesmo que a família seja muito presente eles vão sentir mais necessidade da família perto”* (Participante 12, 34 anos, ensino técnico em enfermagem, ILPI privada, 2 anos e meio de profissão). Tais resultados apontam para a dimensão afetiva da profissão e a necessidade de empatia, paciência e respeito por parte do cuidador (BATISTA *et al.*, 2014). Essa classe trouxe muitas verbalizações sobre a posição que o cuidador ocupa diante da fragilização de um vínculo tão significativo, assumindo em alguns momentos o lugar de família, pela proximidade, pelo afeto e pela constância na relação. Ao ser uma relação estável em um momento de tantas perdas, as cuidadoras acreditam estabelecer um vínculo forte com os idosos, que se assemelha ao sentimento de pertencer a uma família: *“A gente que está com eles todos os dias e trata eles sempre com carinho, dá atenção a eles. Então acaba que os idosos se apegam a gente”* (Participante 9, 38 anos, ensino fundamental incompleto, ILPI pública, 6 anos de profissão).

Por fim, salientam que esse vínculo afetivo pode amenizar as angústias vivenciadas pelo idoso, principalmente no que se refere à solidão experienciada, pois analisam que a experiência no trabalho indica que os idosos sentem falta maior de aspectos afetivos do que alguma privação material. Portanto, algumas das principais palavras presentes nessa classe foram: “família”, “carinho”, “carente”, “sentir”, “falta”, “conviver” e “saudade”, indicando a crença das cuidadoras na importância do cuidado, carinho e afeto para o alcance do bem-estar e da satisfação com a vida do idoso (SILVA; FALCÃO, 2014).

A classe 2 – “Envolvimento Afetivo-Emocional” aproxima-se bastante da classe anteriormente relatada, estendo associada aos temas “O que é ser cuidador de idosos?” e “Histórico profissional”. Houve associação também às participantes que declararam ter quarenta anos ou menos e trabalharem em instituições de natureza privada. Essa classe foi composta de 17,03% dos seguimentos de texto e teve em seu bojo descrições mais específicas de como a profissão afeta e demanda do cuidador no âmbito psicológico e, sobretudo, como uma demanda emocional: *“Ser cuidador de idosos pra mim é muito bom,*

é muito gratificante. Para cuidar deles tem que ter muita paciência, porque se não tiver ninguém consegue ficar na profissão não, os idosos necessitam de carinho e paciência quando está perto deles, então a gente tem que ter” (Participante 10, 47 anos, ensino fundamental incompleto, ILPI pública, 5 anos de profissão).

As participantes afirmaram que trabalhar como cuidadora implica tratar o idoso com carinho e amor, entendendo tais expressões afetivas como primordiais para o desempenho da profissão, considerando ainda que promovem laços de união e intimidade recíprocos que afetam diretamente na qualidade da relação entre cuidador e idoso (SAMPAIO *et al.*, 2011; SILVA; FALCÃO, 2014). Tal relação é apontada como elemento relevante na identificação com a profissão e como fator motivador da continuidade como cuidadora de idosos, na medida em que os salários não são considerados altos, mas o retorno afetivo que recebem dos idosos e a coerência de estar vivendo de acordo com valores humanos construídos por elas são de extrema importância para manutenção de seu bem-estar.

Outro ponto destacado é o desgaste emocional que tal relação próxima e cuidadosa acarreta. Salientam um cansaço em nível psicológico, na medida em que durante todo o expediente há necessidade de cuidado qualificado e ético com o idoso, em que precisam estar atentas às suas necessidades, acolher e escutar as demandas que nem sempre são fáceis e simples para se lidar e absorver. Uma das principais queixas que as cuidadoras relatam ter que lidar é com o distanciamento da família e os sentimentos de abandono e saudade por parte do idoso. Logo, diante de sua proximidade e relação de confiança, o cuidador acaba assumindo esse espaço de escuta que tem, por consequência, uma sobrecarga emocional a longo prazo, que, segundo as cuidadoras, torna necessário que haja espaços de escuta também para os profissionais afim de lidar com suas próprias questões.

Descrição semelhante é evidenciada no estudo de Sampaio *et al.* (2011), que apontam pouco suporte do poder público, ao mesmo tempo em que revela a necessidade de cuidado para esses profissionais. Batista *et al.* (2014) afirmam que, conforme o Ministério do Trabalho e do Emprego, na Classificação Brasileira de Ocupações, o preparo emocional consta como uma das competências necessárias ao exercício do cargo. Por fim, as cuidadoras de idosos apontam a paciência como elemento central para conseguir escutar os idosos e, ao mesmo tempo, não descarregar sua angústia no idoso, corroborando com achados da literatura científica (SILVA; FALCÃO, 2014; BATISTA *et al.*, 2014). Algumas palavras com grande frequência nessa classe foram “humano”, “vínculo emocional” e “paciente”.

Os conteúdos revelados pelas cuidadoras de idosos neste estudo indicam que a profissão se apresenta inicialmente como uma oportunidade de mercado, fato que não impede a identificação das participantes com a profissão e a possibilidade de incluí-la como desejável em seu planejamento profissional de futuro. Tal identificação acontece na medida em que o profissional vivencia a rotina do serviço e estabelece relações afetivas com os idosos que funcionam como fator motivador e de satisfação profissional para o cuidador. A relação cuidador-idoso baliza todas as ações na instituição, uma vez que as participantes revelam que vínculos de confiança e respeito são essenciais para que as ações de cuidado básicas como banho, troca de roupa e higiene pessoal possam ser efetivadas.

Além da rotina que o cuidador precisa cumprir, manifestações afetivas de carinho e amor acontecem com maior intensidade na medida em que a relação de cuidado se prolonga, na maioria das vezes pautadas pela reciprocidade, o que promove fortalecimento dos vínculos e possibilitam maior intimidade e segurança para ambos. Portanto, diante do exposto, é possível considerar a profissão em três dimensões complementares: os cuidados básicos dirigidos aos idosos, que configuram a parte mais técnica do cuidado; as relações pessoais e a interação com o idoso como formadores de vínculo; e os aspectos afetivos e emocionais construídos ao longo da vivência na profissão, que parecem ser motivadores da manutenção dos cuidadores no trabalho.

5 Conclusões

Destaca-se na literatura a menor produção científica nacional acerca de cuidadores de idosos no contexto institucional, quando comparada à produção científica sobre o cuidador informal (VIEIRA *et al.*, 2011). Nesse sentido, longe de esgotar o assunto, a presente pesquisa trouxe alguns apontamentos acerca do cuidador formal de idosos e os sentidos atribuídos ao seu fazer cotidiano.

Vale ressaltar que se trata uma profissão em desenvolvimento e que tem acelerado seu crescimento diante do rápido processo de envelhecimento populacional, dado o contexto social que vivenciamos. As ILPIs, a partir de seus profissionais cuidadores, se mostraram redes de apoio e suporte social, como local onde tantos cuidados básicos quanto cuidados afetivos são efetivados visando à qualidade de vida na velhice. A proximidade afetiva e relação de confiança que se estabelece ao longo da experiência com os idosos nas instituições apresentaram-se como fatores de proteção para ambos (idosos e cuidadores), sendo fator motivador para o trabalho para cuidadores e elemento

importante para o bem-estar do idoso. Amor, carinho e paciência foram termos bastante usados pelas cuidadoras entrevistadas para falar sobre seu trabalho, revelando aspectos afetivos relevantes no processo de cuidado. Nesse sentido, verifica-se que a profissão se atualiza cotidianamente em uma relação dialógica que demanda implicação e engajamento recíproco.

Por fim, o trabalho do cuidador de idosos revelou-se de forma abrangente e complexa, demandando do profissional os cuidados básicos no dia a dia, bem como em espaços para diálogo que promoviam a condição de estabelecer uma relação de parceria, em que o cuidador negocia as melhores condições para realização de seu trabalho e os idosos indicam seu tempo, suas condições e seu desejo para efetivação da rotina necessária. As cuidadoras relataram que o resultado dessa interação direciona a qualidade do cuidado, podendo ser difícil quando não há engajamento e compromisso de ambos, porém mais saudável quando a proposta de cuidado se sustenta no vínculo construído nas relações com os idosos ao longo do tempo.

Uma das limitações do estudo é o número restrito de cuidadoras participantes, uma vez que a participação das cuidadoras fora dificultada pela pouca disponibilidade de tempo para participar das entrevistas. Por sua vez, na medida em que dispunham do tempo para contribuir com a pesquisa, elas demonstraram grande disponibilidade e interesse em compartilhar as suas experiências com o entrevistador. Esta constatação aponta para a necessidade de se desenvolver, para além dos cursos de formação, espaços para escuta e elaboração da prática cotidiana de trabalho que, como revelam os dados da pesquisa, é fortemente marcada por envolvimento afetivo e emocional. Destaca-se, nesse sentido, o forte potencial da promoção de espaços qualificados de escuta que poderão beneficiar tanto aos cuidadores quanto aos idosos residentes em ILPIs.

*WHO TAKES CARE OF THE ELDERLY?
NARRATIVES OF FORMAL CAREGIVERS
IN ILPI*

abstract

Brazil is going through a population aging process and the caregivers have been an important professional in the care of the elderly population. This research is aimed to profile of the professional elderly caregiver in Long-Term Care Institutions for the Elderly (ILPI) as well as to understand the meanings attributed to their entry and mainte-

nance in the profession. In an exploratory and descriptive study, data collection was carried out through a narrative interview with 15 elderly caregivers. Descriptive statistics were used for the characterization data and lexicographic analysis type Descending Hierarchical Classification, with the aid of the *Iramuteq* software to analyse the textual corpus. The results point to an unplanned entry into the profession, however it is evident that the caregivers of the elderly have identified with the profession and consider continuing this career. Based on the interviews, it is possible to consider the profession in three complementary dimensions: basic care for the elderly, which constitutes the most technical part of care; personal relationships and interaction with the elderly as bond makers; and the affective and emotional aspects constructed throughout the experience in the profession, which seem to be motivators for the maintenance of caregivers at work. Such results indicate that in addition to training, there is a need to develop spaces for listening and elaborating daily work practice, strongly marked by affective and emotional involvement.

keywords

Caregiver. Aging. Care. ILPI. Elderly.

referências

- BATISTA, Marina Picazzio Perez; ALMEIDA, Maria Helena Morgani de; LANCMAN, Selma. Cuidadores formais de idosos: contextualização histórica no cenário brasileiro. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 879-885, 2014.
- BRITO, Annie Mehes Maldonado; CAMARGO, Brigido Vizeu; GIACOMOZZI, Andréia Isabel; BERRI, Bruna. Representações sociais do cuidado ao idoso e mapas de rede social Social. *Liberabit*. Lima, v. 23, n. 1, p. 9-22, jun. 2017.
- CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *Revista Brasileira de Estatística Populacional*. Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 233-235 jan./jun. 2010.
- CAMARGO, Brigido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. *Temas em Psicologia*. Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013.
- CAMARGO, Brigido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. *Tutorial para uso do software IRaMuTeQ*. LACCOS – Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – UFSC, nov, 2018. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-portugais-22-11-2018>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- CENTRO INTERNACIONAL DA LONGEVIDADE BRASIL. *Envelhecimento Ativo: um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade*. Centro Internacional de Longevidade Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro, 2015.

DAWALIBI, Nathaly Wehbe *et al.* Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da SciELO. *Estudos de psicologia*. Campinas, v. 30, n. 3, p. 393-403, set. 2013.

DEBERT, Guita Grin; OLIVEIRA, Amanda Marques de. A profissionalização da atividade de cuidar de idosos no Brasil. *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, n. 18, p. 7-41, dez. 2015.

DEL DUCA, Giovâni Firpo; SILVA, Marcelo Cozzensa da; HALLAL, Pedro Curi. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v. 43, n. 5, p. 796-805, out. 2009.

DINIZ, Maria Angélica Andreotti *et al.* Estudo comparativo entre cuidadores formais e informais de idosos. *Ciência e saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 11, p. 3789-3798, nov. 2018.

GARBIN, Cléa Adas Saliba *et al.* O envelhecimento na perspectiva do cuidador de idosos. *Ciência e saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, p. 2941-2948, set. 2010.

GARCIA, Alejandra Alvarado; REYES, L. Lamprea; TABARES, K. Murcia. La nutrición en el adulto mayor: una oportunidad para el cuidado de enfermería. *Enfermería universitaria*. México, v. 14, n. 3, p. 199-206, set. 2017.

GIL, Claudia Aranha; WITTER, Carla; CAMILO, Andrieli B. Rodrigues; MARIGLIANO, Rilza Xavier. Envelhecimento e demanda por cuidado: rede informal e formal de apoio. *In: COCCI, Vera; WITTER, Carla (orgs.). Psicogerontologia: uma análise multidisciplinar*. Campinas: Alínea, p. 53-80, 2018.

IBGE. *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. [on-line]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao>. Acesso em: 15 abr. 2018.

JESUS, Isabela Thaís Machado de; ORLANDI, Ariene Angelini dos Santos; ZAZZETTA, Marisa Silvana. Sobrecarga, perfil e cuidado: cuidadores de idosos em vulnerabilidade social. *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 194-204, abr. 2018.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin, W. Entrevista Narrativa. *In: BAUER, Martin, W; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, p. 90-113, 2003. [Cap. 4].

LEONE, Eugenia Troncoso; MAIA, Alexandre Gori; BALTAR, Paulo Eduardo. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. *Economia e sociedade*. Campinas, v. 19, n. 1, p. 59-77, abr. 2010.

MARTINS, Claudia Regina Magnabosco; CAMARGO, Brígido Vizeu; BIASUS, Felipe. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. *Universitas Psychologica*. Bogotá, v. 8, n. 3, p. 831-847, set. 2009.

OLIVEIRA, Janine Melo de; ROZENDO, Célia Alves. Instituição de longa permanência para idosos: um lugar de cuidado para quem não tem opção? *Revista brasileira de enfermagem*, v. 67, n. 5, p. 773-779, out. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2014670515>. Acesso em: 23 mar. 2020.

PAPALÉO NETTO, Matheus. O Estudo da Velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. *In: FREITAS, Elizabeth Viana de et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, cap.1, p. 62-75, 2013.

PINTO, Andressa Hoffmann *et al.* Capacidade funcional para atividades da vida diária de idosos da Estratégia de Saúde da Família da zona rural. *Ciência e saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 11, p. 3545-3555, nov. 2016.

PLONER, Katia Simone; MICHELS, Lísia Regina Ferreira; OLIVEIRA, Márcia Aparecida Miranda de; STREY, Marlene Neves. O significado de envelhecer para homens e mulheres. *In: SILVEIRA, Andréa F. et al. Cidadania e participação social* [on-line]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 142-158, 2008. [Cap. 4].

RIBEIRO, Marco Túlio de Freitas *et al.* Processo de cuidar nas instituições de longa permanência: visão dos cuidadores formais de idosos. *Revista brasileira de enfermagem*. Brasília, DF, v. 62, n. 6, p. 870-875, dez. 2009.

SA, Paulo Henrique Vilela Oliveira de; CURY, Geraldo Cunha; RIBEIRO, Liliane da Consolação Campos. Atividade física de idosos e a promoção da saúde nas unidades básicas. *Trabalho educação e saúde*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 545-558, ago. 2016.

SAMPAIO, Aline Melo Oliveira *et al.* Cuidadores de idosos: percepção sobre o envelhecimento e sua influência sobre o ato de cuidar. *Estudos e pesquisas em psicologia*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2011.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de psicologia*. Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, dez. 2008.

SILVA, Mariana Pedroza; FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva. Cuidar de idosos numa ILPI na perspectiva de cuidadoras formais. *Revista Kairós: Gerontologia*. São Paulo, v. 17, n. 3, p. 111-131, 2014. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/21774/16059>. Acesso em: 23 mar. 2020.

TEIXEIRA, Selena Mesquita de Oliveira; SOUZA, Luana Elayne Cunha de; MAIA, Luciana Maria. Ageismo institucionalizado: uma revisão teórica. *Revista Kairós: Gerontologia*, v. 21, n. 3, p. 129-149, set. 2018. ISSN 2176-901X. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/41448/27912>. Acesso em: 06 maio 2020. doi: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2018v21i3p129-149>.

UESUGUI, Helena Meika; FAGUNDES, Diego Santos; PINHO, Diana Lucia Moura. Perfil e grau de dependência de idosos e sobrecarga de seus cuidadores. *Acta paulista de enfermagem*. São Paulo, v. 24, n. 5, p. 685-698, 2011.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; GOMES, Marília Miranda Forte. Transição demográfica: a experiência brasileira. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. Brasília, v. 21, n. 4, p. 539-548, dez. 2012.

VERAS, Renato Peixoto; OLIVEIRA, Martha. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Ciência e saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1929-1936, jun. 2018.

VIEIRA, Chrystiany Plácido de Brito *et al.* Práticas do cuidador informal do idoso no domicílio. *Revista brasileira de enfermagem*. Brasília, v. 64, n. 3, p. 570-579, jun. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672011000300023>. Acesso em: 23 mar. 2020.

WORD HEALTH ORGANIZATION – WHO. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

Data de Submissão: 11/05/2020

Data de Aprovação: 15/06/2020